

VOZES (DES)VELADAS: ENCANTOS DOS PRIMEIROS ENCONTROS COM PRÁTICAS DE LETRAMENTO(S) EM RELATOS MEMORIALÍSTICOS DE EDUCADORES

(UN)VEILED VOICES: CHARMS OF EARLY ENCOUNTERS WITH LITERACY PRACTICES IN MEMOIR ACCOUNTS OF EDUCATORS

Fatima Maria de Oliveira*

Resumo

O artigo aborda relatos autobiográficos escritos por aluno(a)s do Curso de Pós Graduação *lato sensu* “Letramento(s) e práticas educacionais” do CEFET/RJ. A proposta do módulo sob minha orientação – “Memória(s) de letramento(s): relatos de educadores” – desenvolveu-se, em um primeiro momento, a partir do contato com textos teóricos sobre o tema da leitura e textos memorialísticos, cujo foco sejam os primeiros passos na prática da leitura por parte de escritores e/ou educadores. Posteriormente, os aluno(a)s foram instigados a redigir textos de natureza autobiográfica com o objetivo de se recuperarem coletivamente diferentes histórias de formação de leitores e levá-los a compreenderem e a se apropriarem de suas próprias histórias de letramento(s), por meio das quais é possível construir e reconstruir sentidos dos meios culturais e profissionais em que estão inseridos. Esta investigação procura, portanto, mapear a iniciação do professor em práticas de letramento e a ressonância dessa experiência em sua formação docente.

Palavras-chave

Memórias de letramentos. Relatos autobiográficos. Formação docente.

Abstract

The paper presents autobiographical reports written by students of the postgraduate lato sensu course “Literacy and educational practices” from CEFET/RJ. The plan of the module oriented by me – “Memories of literacy: accounts from educators” – was developed, at the first moment, from the contact with theoretical texts about the reading issue and memoir texts, which focus on the first steps of writers and/or educators on reading practices. Later, the students were instigated to compose autobiographical writings, which aims at recovering their own stories of readers formation collectively and make them understand and appropriate their own stories of literacy, through which it’s possible to create and recreate the sense of the cultural and professional means in which they live. Therefore, this investigation seeks to map the professor startup on the literacy practices and the relevance of this experience in his teacher training.

Key words

Momories of literacy. Autobiographical reports. Teacher training.

* Doutora em Estudos de Literatura pela PUC/Rio e professora de língua portuguesa e literatura brasileira do CEFET/RJ

“Dos livros em minha vida: o que sei, o que sou”, com este título Maria Evanilda Valença dá início ao relato autobiográfico solicitado como uma das atividades propostas no módulo “Memória(s) de letramento(s): relatos de educadores”, integrante do curso de Pós Graduação *lato sensu* “Letramento(s) e práticas educacionais”, oferecido este ano no Departamento de Pós Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. O módulo sobre memórias de letramentos, sob minha orientação, teve por objetivo levar os 28 participantes do curso a rememorar e refletir sobre suas próprias histórias de letramentos. Como motivação e ponto de partida para essa jornada em busca das letras jamais perdidas, foram lidos textos memorialísticos de escritores de prosa e de poesia, como Jean Paul Sartre, *As palavras*; Marcel Proust, *Sobre a leitura*; Walter Benjamin, *Rua de mão única*; Carlos Drummond de Andrade, *Boitempo e Menino antigo*; Murilo Mendes, *A idade do serrote*; Manuel Bandeira, *Itinerário de Pasárgada*; Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*; José Lins do Rego, *Meus verdes anos*; Graciliano Ramos, *Infância*; Bartolomeu Campos Queirós, *Por parte de pai*, entre outros. Paralelamente, faziam-se também leituras de artigos e ensaios sobre os temas da memória, da autobiografia e de práticas de letramento escolar e não-escolar.

Voltando ao título do relato autobiográfico de Maria Evanilda, “Dos livros em minha vida: o que sei, o que sou”, pretendo apresentar neste artigo a forma como esses educadores, com formação em Letras ou Pedagogia, representam em suas narrativas as imagens e sensações que perduram na memória sobre os eventos de letramento de que participaram e quais leituras permaneceram como fundadoras do ser (“o que sou”) e do saber (“o que sei”) em suas vidas.

A turma, com que convivi durante dois meses, constitui-se de 25 alunas e de 3 alunos, em sua maioria com idade em torno de 30 anos – apenas 4 alunas encontram-se na faixa dos 50 anos e, portanto acumulam um tempo mais longo de experiências em salas de aulas ou salas de leitura. Todos são oriundos de famílias de baixo ou médio padrão econômico, cujos pais e avós de muitos deles não foram nem mesmo alfabetizados, e durante a formação básica e universitária cursaram instituições públicas.

A escrita autobiográfica desses pós-graduando permitiu-me verificar que o incentivo inicial para que eles se iniciassem em eventos de letramento surge no ambiente familiar de diferentes modos e ganha relevo com a entrada e permanência na escola. Os textos fazem referência ao núcleo familiar e expressam a gratidão, fruto do reconhecimento de que para esses pais a aprendizagem da

leitura e da escrita era fator indispensável para o sucesso social e profissional a ser alcançado através do domínio dessas habilidades. O reconhecimento desse empenho materno ou paterno ou ainda dos afetos de avós ou avôs contadores de histórias, surge nos seguintes trechos:

Ser convidada a entrar no “túnel do tempo”, ao tempo da minha infância, é remeter-me a todos os sonhos e fantasias de menina arteira e bondosa. É sentir o cheiro do angu doce da minha avó e ouvir a sua voz contando histórias da sua terra natal: Bahia.

Poetisa e ótima contadora de histórias, minha avó nos fazia (os netos), ficar de olhos arregalados escutando todas aquelas histórias: “A mulher da trouxa”, “A mula sem cabeça”, “A voz do mar”... Estas foram as primeiras histórias com as quais tive contato, mesmo antes de saber ler. Elas eram tão vivas dentro de mim!

Além de encantar e, por vezes, amedrontar, as histórias contadas pela minha avó faziam-me ansiar pela aprendizagem da leitura e da escrita, viajar por “mundos” desconhecidos, ou melhor, descobrir outros “mundos”.

Os primeiros livros que li eram contos de fadas dados pela minha mãe. [...] (Rafaela dos Santos Alves)

O gosto pela leitura aparece/surge em minha vida quando tinha cinco ou seis anos. [...] filha de pais analfabetos, porque minha mãe somente assinava seu nome. Por pressão dos familiares ingressamos para aprender as primeiras letras em uma tia chamada ----- que me ensinou as primeiras letras. Entretanto, com o passar do tempo meus pais me matricularam em uma pré-escola. [...]

Após a alfabetização, ingressei numa escola estadual na primeira série, matriculada e já morando com uma tia, visto que elas morriam de medo de nós ficarmos analfabetos como minha mãe. (Luciane Teixeira da Silva)

Desde que me achei devidamente alfabetizada, sempre fui muito incentivada à leitura por meus pais e pelo meu avô paterno, vendedor de livros. Eu lia, na minha infância, livros de

contos de fadas [...] e histórias em quadrinhos. Meu pai trazia da rua revistinhas como as da Disney, as da Turma da Mônica e as da Luluzinha. (Ana Raquel Walllante dos Santos)

Apesar da “pouca” idade, sempre tenho dificuldade em traduzir para o papel memórias da minha infância. Esta, porém, é uma das poucas exceções. Não venho de uma família muito letrada; na verdade, considerando meus parentes maternos [...], eu fui a primeira pessoa a entrar para uma faculdade. Depois de mim vieram alguns -- poucos, eu sei – mas gosto de acreditar que abrimos o caminho para muitos outros. ((Leda Marina D’Aguila)

Adoro ler, viajo com os livros, sonho, crio expectativas, direciono ou redireciono meus estudos, elaboro projetos de vida com o impulso que eles me provocam. Entretanto, a história de minha relação com a leitura, com a escrita e, de quebra, com o livro, parece ter sido constituída de um modo um tanto curioso. Isso porque o quesito “exemplo” (dar exemplo pela ação) pela outra via: a paixão, o respeito, a idolatria que meus pais externavam à escola e tudo que a envolvia. Deixei-me levar pelos sonhos de meus pais e me deixei ser acolhida por aquele espaço, aquelas experiências com as letras e palavras, tão diferentes de meu cotidiano em família. (Maria Evanilda Valença)

Nas lembranças fixadas nos relatos, é possível identificar a afinidade que os narradores mantêm tanto com os textos orais quanto com os livros que lhes despertaram as mais diferenciadas habilidades cognitivas e lhes estimularam o senso estético, ético, crítico e criativo. Para o cientista cognitivo Mark Johnson, “a imaginação narrativa – a forma conhecida como história – é a ferramenta básica do pensamento” (apud MARIA, 2009, p. 33). Os alunos-narradores confirmam com as lembranças evocadas das leituras infantis e juvenis o extraordinário poder da narrativa e da literatura sobre a mente humana. Poder que inclui o impacto emocional, pois é justamente a emoção que produz a empatia e prende o leitor ou o ouvinte de uma boa narrativa. É, sem dúvida, a emoção suscitada pela leitura que detém a capacidade de persuasão e convencimento. As narrativas produzidas pelos professores pós-graduandos priorizam o envolvimento prazeroso com os livros da

infância ou da adolescência, quando ainda não havia nenhuma preocupação com a obrigação de prazos para o cumprimento da leitura ou com o julgamento do valor estético ou literário do que era lido. É notório nas narrativas autobiográficas a tentativa de recuperação do arrebatamento que viveram em face dessas primeiras leituras diante das quais se sentiram irremediavelmente apaixonados pelo ato de ler e por todas as conseqüências daí advindas. O impacto emocional experimentado por esses professores, quando crianças e quando adolescentes, diante das páginas de um livro, fosse ele ilustrado ou não, transformou-os em leitores potenciais cuja busca nos livros não se reduz meramente à recepção e aproveitamento de informações ou ao aprendizado disciplinar, mas, principalmente, de um sentido que lhes permita compreenderem melhor o homem e o mundo, para neles descobrirem uma beleza que lhes enriqueça a existência e lhes permita uma melhor e mais completa investigação de si mesmos como caminho para a auto-descoberta e o auto-aperfeiçoamento. As palavras tornam-se não só o capital mais precioso para o imprescindível trânsito na teia das relações humanas, no contato e no diálogo com os outros, mas também a ponte para a fantasia e a imaginação. É o que nos mostram os seguintes fragmentos dos relatos:

Lembro de uma coleção de livros que “enfeitava” a estante da casa de minha avó. No início tudo o que eu sabia fazer era folhear as páginas para ver as figuras, sempre sob o olhar atento dos adultos que diziam: --Pode olhar, mas não pode estragar! Tinha um imenso fascínio por aqueles livros, com sua figuras de mulheres dançando em seus trajes esvoaçantes, homens que trajavam roupas magníficas, sempre envolvidos em uma aura de aventura e romance. Quando aprendi a ler, recebi autorização dos adultos da casa para manusear os livros longe de seus olhares vigilantes. Então, descobri que se tratava de uma coleção intitulada “As mil e uma noites”, as mulheres que ali estavam poderiam ser odaliscas ou princesas e os homens em seus trajes deslumbrantes poderiam ser sultões ou ladrões. Durante muito tempo aquelas histórias encheram meus dias de aventuras e mistérios. fazia minhas tarefas escolares e ajudava nos pequenos serviços da casa o mais rápido possível para poder mergulhar naquele universo de fantasia e poder desvendar os segredos e mistérios existentes naqueles livros. Era como se eu pudesse ouvir a música e dançar junto com

aquelas mulheres, usando os mesmos trajes esvoaçantes, como se eu tivesse o privilégio de me juntar ao bando de Ali Babá e ser escolhida para dizer as palavras mágicas que abriam a caverna e nela poder conhecer a riqueza dos sultões, que pelo bando eram saqueados. Ainda hoje, quando quero dizer para alguém, ou até mesmo em meus pensamentos, que queria estar em lugar ou situação melhor, digo: -- Queria estar nesta hora comendo tâmaras no deserto! [...]

Quando leio livros, ainda que hoje os leia com a cabeça de um adulto, tento evocar de dentro de mim aquela criança que corria contra o tempo e parava todo o movimento ao seu redor, para simplesmente ter alguns momentos de prazer e emoção. (Patrícia Machado)

Um dos livros que marcaram a minha memória foi contado pela professora na escola durante a 3ª série do ensino fundamental. O livro chamava-se “Maria vai com as outras”.

A história tratava de uma ovelhinha que imitava as atitudes das outras ovelhas, principalmente o mau comportamento.

A moral da história era que não devemos ser como os outros ou fazer algo errado para seguir a consciência do outro.

Sendo assim, essa história me fez perceber que deveria ser eu mesma. Isso porque, eu me comportava da mesma maneira que a ovelha do conto. Não me aceitava como eu era e queria ser como os outros. (Patrícia Gama)

As práticas de leitura destes professores, vivenciadas em períodos diferentes de formação de uma individualidade, contribuíram com elementos significativos para o que se pode chamar de encontro consigo mesmo, por meio da fantasia que habita a experiência ficcional. Patrícia Machado encontrou na coleção “As mil e uma noites” as consoladoras palavras mágicas que ainda hoje servem de senha para levá-la para outro tempo e lugar melhores: “—Queria estar nesta hora comendo tâmaras no deserto!”; enquanto, Patrícia Gama encontra na ovelhinha sem opinião própria, a “moral da história” que a leva a perceber e valorizar as diferenças de comportamentos e valores. Sendo assim, Luiz Henrique Moura de Oliveira, também aluno do curso de Especialização em Letramento do CEFET, escolhe três livros como responsáveis pela formação de três facetas de sua individualidade; “

um menino Luiz, um homem Luiz , um professor Luiz”. Os livros são nessa mesma ordem: *Pollyana*, de Eleanor H. Porter, *A ira dos anjos*, de Sidney Sheldon e *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno. O primeiro foi lido na 5ª série para fazer uma prova; o segundo foi uma leitura da fase de adulto; e o terceiro foi uma leitura feita por uma exigência acadêmico-universitária. Os três permitem ao professor as seguintes reflexões e auto-descobertas, considerando momentos diversos de sua vida:

A história daquela adorável menina [Pollyana] que vivia sorrindo e jogando o “jogo do contente” acabou me conquistando. O jogo consistia em procurar enxergar sempre algo de positivo nas situações mais adversas. E de certa forma acabei trazendo para a minha vida esta maneira de enxergar o mundo. Costumo dizer que este jogo ficou tão marcado em minha vida que literalmente faço-o valer e vivo sorrindo. [...]

Eu imaginava aquela mulher [Jeniffer Parker, personagem de *A ira dos anjos*] tão forte e ao mesmo tempo tão frágil, orientado pela imagem da capa do livro, que possuía uma parte seu rosto e uma rosa, numa foto desfocada , belíssima. Eu pensava em encontrar uma mulher como aquela para casar e constituir família. [...]

Este livro [*A língua de Eulália*] me parecia algo diferente porque tratava-se de um romance, mas indicado pelo professor de Técnicas de Comunicação e Expressão, na universidade. Embora não entendesse bem o real propósito, comecei a lê-lo.

Era a minha primeira leitura como graduando de Letras e a cada página não conseguia deixar de pensar como aquele autor poderia desenvolver um enredo e ao mesmo tempo ensinar a teoria da sociolingüística.

A história das meninas passando férias no sítio da tia de uma delas causava em mim uma satisfação de um aprendizado fora da escola, prazeroso – para elas e para mim ao mesmo tempo. Tia Nana, se eu não me engano, era uma professora aposentada que conseguia demonstrar às meninas como eram possíveis determinadas realizações lingüísticas, afastando o preconceito pelo fato de algumas pessoas falarem de maneira distinta. (Luiz Henrique Moura de Oliveira)

Dentro dessa mesma perspectiva, a professora Patrícia Helena, admite que foi na fase da adolescência, segundo ela, época mais “tranqüila” de sua vida, em que podia exercitar seu “lado mais preguiçoso” , que teve acesso a duas obras “muito importantes”-- uma vez que depois de se tornar docente, assim como os seus colegas de profissão, passou a sofrer de “falta de tempo e durante a graduação em Inglês-Literaturas de Língua Inglesa tinha de cumprir “leituras obrigatórias”. Os dois livros marcantes foram *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira, lido no ensino fundamental, e *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, lido na adolescência. Em relação ao primeiro, diz ter-se identificado com a história de Isabel, a personagem do livro, que tinha “problemas sérios de auto-estima” e tinha no espelho o “inimigo de todas as horas” ainda mais quando ela estava perto de sua melhor amiga, considerada uma das meninas mais bonitas de sua classe na escola. Isabel, nas palavras de Patrícia,

a fim de descarregar tanta frustração [...] escrevia poemas. E os escrevia muito bem. Foi através deles que Isabel encontrou o seu verdadeiro amor. Tarefa um tanto quanto difícil, já que Isabel os escrevia para que sua melhor amiga os entregasse ao namorado, um rapaz [...] muito bonito e [...] amado por Isabel. Porém, a menina chega à conclusão de que ele amava os poemas e não a ela. [...] Depois dessa revelação, Isabel encontra a felicidade nos braços de um outro amigo seu, que sempre a amou, mas nunca havia tido a chance de demonstrar. (Patrícia Helena da Silva Costa)

Após contar o enredo de forma resumida, Patrícia, faz a revelação do comportamento dessa leitora jovem, que, na verdade, já havíamos decifrado: ela, com todos os problemas e sofrimentos próprios da fase da adolescência encontrou em Isabel o espelho de papel de que precisava para minimizar e compreender a sua aversão ao espelho de cristal. Após o resumo da história de Isabel, pede gentilmente ao leitor de sua narrativa autobiográfica:

Ao ler Isabel, por favor, leia Patrícia. Não pelo fato dos poemas, mas pelos problemas de auto-estima. Quando mais nova, sempre fui a mais inteligente, a mais engraçada, a mais legal. pena não poder dizer a mais bonita. Me achava a personificação do “Patinho Feio”. Mas depois desse livro eu passei a eexergar

a vida de outra forma. Pode até parecer muita ingenuidade minha. Que visão de vida uma menina de 13 anos pode ter? Mas acreditem. A obra de Pedro Bandeira não é um livro de auto-ajuda, mas foi fundamental nessa minha fase “Bety, a feia”.

Mas qual livro não pode ser considerado de “auto-ajuda”, no sentido, das revelações que faz ao leitor por meio da linguagem que constitui a marca do humano? Além do mais, podemos partir do pressuposto apontado pela professora Ana Chiara, no texto produzido para o III Congresso Estadual do Livro, realizado na UERJ em 1991, para vislumbrarmos na leitura a possibilidade de o leitor ir ao encontro da vida e de si mesmo:

[...] a relação que se estabelece entre o leitor e o texto literário implica um gesto narcísico de busca da imagem perdida de si mesmo noutra lugar: um espaço ao mesmo tempo íntimo, porque diz respeito a sua individualidade, e, por outro lado, neutro, tratando-se do discurso do outro (o escritor). Assegura-se desse modo a possibilidade do encontro consigo mesmo sem que se corra para isso o risco da “vida vivida”. Tudo se passa no campo que chamamos artístico, ou ficcional, ou ainda da fantasia.

A leitura possibilita, portanto, o olhar no destino sem que se precise viver no corpo as marcas da experiência. Enquanto se lê, suportam-se bravamente as perdas amorosas, os fracassos existenciais, as dores do mundo descritos no texto; porque basta que se desviem os olhos da página para que a vida retome a sua face ordinária e a experiência recupere o ritmo cotidiano, o tempo voltando a ser o do relógio. (CHIARA, 1991, p. 215).

A “marca de uma lágrima” preparava Patrícia para marcas de um sofrimento maior vivido por Marcelo Rubens Paiva, quando se descobre paraplégico, após um acidente na juventude e decide contar a sua dolorosa experiência com aquela realidade que o obriga a aprender a viver e ver o mundo a partir de uma cadeira de rodas. Patrícia acredita que por ocasião dessa leitura já estava “um pouco mais madura”, por volta dos 16 anos. Conta abreviadamente o drama do autor e apresenta o que mais a impressionou na narrativa, a ponto de nem mesmo

acreditar que o autor tivesse existência real, fato esse que a faz ir em busca da origem de toda essa narrativa autobiográfica: o homem Marcelo Rubens Paiva.

A obra conta a história de vida do autor e trata especificamente dos momentos que ele passou a enfrentar depois de um acidente que o deixou paralisado. No início da leitura, fiquei um pouco assustada, pois o autor relata em detalhes todos os detalhes da sua vida. Ele aborda, na maioria das vezes, as mudanças pelas quais ele passou devido ao acidente, mas também intercala com lembranças anteriores ao mesmo. A forma como o escritor fala sem pudor sobre a própria vida me surpreendeu até mais do que quando li Pedro Bandeira. Me tornei tão fã do Marcelo Rubens Paiva que não sosseguei até encontrar fotos dele. Parecia que eu queria ver se ele era de verdade realmente. Acompanhava entrevistas, reportagens, programas de TV, enfim, tudo que fosse relacionado a ele. Sempre querendo saber mais sobre a vida dele, sobre o que ele estava fazendo. (Patrícia Helena da Silva Costa)

No caso de *Feliz Ano Velho*, o que a leitora aponta como uma “fala sem pudor” refere-se certamente aos relatos sobre as experiências sexuais do narrador, um jovem de 20 anos, cujo acidente imobiliza parte de seu corpo, mas não afeta sua memória, levando-o a reviver na escrita autobiográfica, seus encontros e desencontros amorosos, suas paixões, iniciação e descobertas dos prazeres do sexo com as diferentes namoradas. Pode-se considerar o livro de Rubens Paiva um verdadeiro tratado de educação sentimental e sexual que fixa a atenção de leitores de 16 anos e de qualquer idade pela exposição de dúvidas e questionamentos relativos aos relacionamentos humanos em um momento tão grave como o de uma paralisia provocada por um acidente. A força da narrativa de Marcelo, o drama narrado com tanta autenticidade, o desejo de dividir aquela difícil experiência da tetraplegia com os leitores, faz com que Patrícia sinta a necessidade de ir em busca de mais e mais relatos sobre esse anti-herói contemporâneo: bem-nascido, talentoso, criativo, amoroso, jovem, inteligente, bonito e tetraplégico.

O relato autobiográfico de Patrícia Helena se encerra com a exposição das marcas por que passou a leitora, agora, sim, acredito eu, bem mais madura: “E foi assim que fui amadurecendo, que fui modificando a minha personalidade, o meu caráter. Dois livros, duas realidades totalmente diferentes que me acompanharam

em épocas distintas. Duas leitoras, duas leituras, uma só pessoa”. Revela-se em seu texto, nas marcas de sua escrita, a imagem do duplo, o retorno da metáfora do espelho, da refração tão apropriada ao ato da leitura. Talvez só deixe de concordar com Patrícia, quando diz ser “uma só pessoa”. Depois de viver tantas experiências próprias e alheias, ela também é múltipla, com qualquer leitor ou leitora que se identifiquem com os personagens e enredos das narrativas que leem. É o caso de Suraia Trajtenberg, professora de Língua portuguesa e literatura, leitora voraz e apaixonada pela palavra escrita e falada, excelente contadora de suas próprias histórias. O relato autobiográfico de formação dessa professora é vasto, pois inclui um mundo de referências bibliográficas no qual se elencam os autores clássicos russos, americanos, europeus e, como não poderia deixar de ser, uma extensa galeria de brasileiros. O seu passeio pelo bosque memorioso das leituras inclui prazer e conhecimento e é finalizado com a trajetória pelo curso de Letras, quando, segundo ela, “o ato de ler ganhou racionalidade, caráter analítico e crítico [e] de certa forma, perdeu parte do encanto, mas ganhou profundidade e consistência”:

Foi nessa época que precisei de nova estante para abrigar “os brasileiros”: Gregório de Matos redimensiona “culpa” e “pecado”; Mario e Oswald abrem novas facetas da linguagem, Graciliano revela a fantástica beleza na rudeza do mundo pela agudeza da palavra enxuta; com Murilo Mendes “viva eu que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente” e com Torquato Neto compreendo que sou “pronome pessoal intransferível do homem que iniciei na medida do impossível”. Quintana me faz “atravessar a vida como quem está gazeteando a escola”. São tantos e tantos. Eu devia escrever sobre dois apenas, mas não posso pois “sou trezentos, trezentos e cinquenta”, como já afirmou Mario, ou mais... (Suraia El-Kaddoum Trattenberg)

Seja pelo encanto ou pelo caráter analítico e crítico, o ato de ler para esses professores torna-se uma experiência de formação, tanto na escola, quanto fora dela. Em alguns casos, as leituras recomendadas pela escola não foram as que deixaram as melhores lembranças, pelo caráter de obrigatoriedade e de pouca variedade e liberdade para a escolha do que ler. Muito mais do que indicar os livros, o ideal é que o conteúdo desses livros seduza de tal modo crianças e jovens que eles, sem se dar conta, se entreguem à “felicidade de ser leitor” (PENNAC, 1993, p. 84):

Aos pais e professores deve interessar mais a leitura de um livro, digamos, “menor”, pelo seu filho ou aluno, mas que proporcione a ele saudável envolvimento emocional, uma leitura que faça rebuliço em seu imaginário, que a leitura de uma preciosidade da literatura lida em flagrante desespero. (MARIA, 2009, p. 156).

A aluna Leda Marina apresenta sua memória de letramentos entre esses dois pólos: a leitura de um gênero “menor”, gibis, e a de uma “preciosidade da literatura”, o clássico *Iracema* de José de Alencar:

Me apaixonei por literatura através de um gênero um tanto inusitado: os quadrinhos de Maurício de Sousa. Uma das portas do guarda-roupa era reservada para a coleção de revistinhas, que todos da casa exibíamos com o maior orgulho.

As leituras obrigatórias da escola nunca me aborreceram pois, apesar de, em sua maioria, serem longas e confusas demais, eu sempre poderia fugir para meu cantinho, em cima da goiabeira do quintal, para ler o que realmente me interessava. Até o meu fatídico encontro com a virgem dos lábios de mel.

Adolescente, cursando a 8ª série do fundamental, muito ativa para tudo que desse prazer e extremamente avessa a tudo que aborrecia. Esse era o perfil, não apenas meu, mas da grande maioria de uma turma de colégio estadual [...] que a professora considerou já na idade de conhecer e apreciar a “verdadeira cultura”. Nunca me esqueci deste termo.

Iracema era linda, amada por todos e chata, muito chata! E eu, uma pessoa que acabou preferindo, por muito tempo, ficar sem cultura. Não sei explicar como cheguei a ler metade do livro.

Hoje com um pouco mais de maturidade, rezo para não fazer com meus alunos o que a minha professora fez comigo. [...] (Leda Marina B. d’Aguila)

Tratando-se de formação de leitores, como se pode acompanhar, no relato da jovem professora Leda Marina, a escola deve estabelecer uma ponte entre a leitura supostamente “menor”, mas que, naquele momento, seduz o aluno, e uma leitura, digamos, de “melhor qualidade”, como é o caso dos clássicos. Até porque

é preciso maturidade para apreciar os mestres, os clássicos.

A liberdade de escolha deve ser uma prerrogativa do leitor, mas nem sempre é considerada. Sobre a centralidade dessa liberdade, acredito que o crítico e professor Benedito Nunes pode nos ajudar a refletir com propriedade: “Os textos que fecundam nossa experiência são aqueles dos quais nos aproximamos livremente, animados pelo “prazer de um honesto passatempo”, do qual falou Montaigne, ou que parecem vir ao nosso encontro, a chamado de uma afinidade, de uma idéia, de um sentimento.” (NUNES, apud MARIA, 2009, p. 183)

É no relato da aluna Vanusa Maria de Melo que comprovamos o enigma da aproximação livre entre textos e leitores. Filha de migrantes nordestinos que vieram para o Rio tentar a vida “longe de onde ela era inviável”, Vanusa chegou ao Rio com 5 anos e aos 7 já estava na escola, sem nunca haver tido um livro nas mãos, além das cartilhas. Com 9 anos já costurava para ajudar a família que vivia de doações de vizinhos menos pobres. Um dia, uma bolsa de papelão com doações quebrou sua rotina:

Eram livros. Quem teria tido a idéia de doar livros para quem ninguém imaginava que fosse ler? Seria apenas alguém querendo livrar-se de livros velhos?

Nenhuma das obras era apropriada para a minha idade. Mas eu não sabia disso. Então, sem pestanejar, comecei a ler, sem entender muito daquelas palavras, aquela história linda e trágica, que me fez chorar desesperadamente e cujo nome do autor só aprendi muitos anos depois: Romeu e Julieta.

Alguém me pegou aos prantos, porque o essencial eu entendi, no final do dia, sem que uma peça dos bolsos das camisas estudantis houvesse sido costurada. Pensa que me importei com os tapas que tomei?

Só queria que dormissem pra que eu pudesse entender por que havia dois livros com o mesmo nome escrito por dois sujeitos diferentes: A metamorfose (Kafka) e As metamorfoses (Ovídio).

É preciso admitir que demorei uns minutos para ver que não era o mesmo título. Admito também que custei a saber que aquelas metamorfoses narradas não haviam acontecido tal como contadas. [...]

Demorei muito também para saber que aqueles livros eram

considerados difíceis e que geralmente há um processo para formar uma criança leitora.

Mas, bem, considerando que não era plano de ninguém me formar leitora, subverter esse processo e ler aqueles “livros difíceis” foi uma sorte danada.” (Vanusa Maria de Melo)

A leitura como “metamorfose” é a metáfora ideal para traduzir alegoricamente essa experiência que transforma a pessoa e sua subjetividade. O aspecto que merece ser observado no relato memorialístico de Vanusa de Melo é o fato de a menina-costureira utilizar a leitura e a imaginação para construir conhecimentos sobre o mundo e compreender experiências históricas e sociais.

Os relatos autobiográficos destes professores apresentam-nos os processos de letramentos como meios de produção permanentes de sentidos para as palavras dos livros e para as suas existências. O recurso da autobiografia constitui uma útil proposta metodológica de pesquisa da história de formação dos professores. Os professores da turma de Especialização ao rememorarem sua trajetória de leitores produzem um conhecimento que os aproxima do cotidiano da prática docente, ao mesmo tempo que exercitam novas propostas para a formação e transformação contínua dos saberes e práticas pedagógicas. As vozes, antes veladas, encontram no relato autobiográfico a via de reconstituição e compreensão de leituras do passado e desvelam regiões da experiência que outros discursos negligenciam.

Referências

CHIARA, A. C. O lugar da leitura no universo da criança brasileira: O livro e seus contextos: criação e leitura. In: CONGRESSO ESTADUAL DO LIVRO, 3., 1991, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 1991.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MARIA, L. de. *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.

PENNAC, D. *Como um romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.